

Biblioteca Anarquista



Se renunciou a Revolução? (entrevista com Cipriano Mera)

Revista Presencia

Revista Presencia
Se renunciou a Revolução? (entrevista com Cipriano Mera)
05/02/2018

Adquirido em 03/09/2019 de [http://elcoyote.org/
se-renunciou-a-revolucao-entrevista-com-cipriano-mera/](http://elcoyote.org/se-renunciou-a-revolucao-entrevista-com-cipriano-mera/)
Originalmente publicada na Revista Presença de Paris, Nº6 de
Novembro-Dezembro de 1966. Extraída da edição digital da Fundação
Andreu Nin, Junho 2006

bibliotecaanarquista.org

05/02/2018

Cipriano Mera era pedreiro, começou a trabalhar aos 11 anos. Militou na CNT, da qual foi secretário do sindicato da construção Civil em 1931. em dezembro de 1933 se reuniu a Buenaventura Durruti para fundar o Comitê revolucionário de Zaragoza. Como consequência foi preso e levado para a prisão de Burgos. Foi um conhecido anarcosindicalista espanhol que participou de forma relevante na Guerra Civil Espanhola.

Revista Presencia: *Você acredita que em Julho de 1936 o Movimento Libertário estava preparado para a Revolução? Ou, pelo contrário, estima que o levantamento o pegou desprevenido?*

Cipriano Mera: Estou firmemente convencido de que não estava em condições de afrontar um acontecimento dessa envergadura. Naqueles tempos, a CNT não dispunha dos quadros sólidos que requeria a situação. Durante meio século a CNT criou uma organização que respondia cada dia mais ao conceito sindicalista revolucionário e com vocação libertária da AIT, e nesse quesito se comportou maravilhosamente, arrancando do capitalismo espanhol vantagens morais e materiais que sem um método de ação direta não haveria obtido... Contudo, apesar das críticas de internos e externos que tenha podido suscitar a organização confederal, não cabe dúvida de que criou um estado de opinião que se identificou com as aspirações do povo e que este, por sua vez, soube interpretar o sentir da CNT.

Revista Presencia: *Como explica que um movimento sindicalista libertário, com tão longa experiência de luta, não dispunha de uma organização, de uns quadros, de uma doutrina coerente, capazes de triunfar a revolução?*

Cipriano Mera: Porque a CNT se consagrou a esse trabalho reivindicativo, que era o combate de todos os homens e de todos os dias. E porque, governo trás governo, de conluio com as oligarquias espanholas, se dedicavam a destruir e por fora da lei a todo o movimento anarcosindicalista, mantendo seus melhores militantes em cadeias e presídios, obrigando que a CNT se desenvolvesse clandestinamente. Era isso que impedia todo o trabalho construtivo de longo alcance.

Revista Presencia: *Acredita que quando chegou o momento de edificar uma sociedade de viés libertário faltaram as energias?*

Cipriano Mera: Não era tudo nem era só um problema de energia o que a luta nos colocou em suas primeiras horas: em algumas regiões a organização se encontrava em condições para levar a cabo a tarefa revolucionária de viés libertário.

coisa que ser continuada. Especialmente devo por em destaque o papel importante do sindicalismo revolucionário que encarnou a CNT. Sem uma organização sindicalista revolucionária, forte e com vocação anarquista, não será possível a emancipação dos trabalhadores; cairão sempre no jogo dos demagogos e no reformismo político. No momento atual, a tarefa principal da juventude inquieta está nas oficinas, banquetas, na universidade e na rua. Está com o Povo, que não somente é um “bom aliado” como se vem dizendo, e sim o principal protagonista da ação social. Porque na ação social não valem meios termos.

Cipriano Mera: Creio que não devemos evitar o estudo do estudo do passado. Ao povo se deve dizer a verdade. Apesar do que disse anteriormente, não me nego a definir a responsabilidade que possa me caber, por omissão ou intencionalmente, dentro da trajetória da CNT todos temos nossa boa parte de responsabilidade... Mas acho que a hora de pedir responsabilidades passou, ou que isso não se poderá fazer até que a Organização possa sair de novo a luz pública e se reunir em Congresso... Quero fazer constar, independente disso, que as políticas dos atos consumados e as decisões executivas começaram depois da guerra.

Revista Presencia: *Como julga a atuação do Partido Comunista espanhol durante a contenda? O PC, de partido minoritário que era, se converteu em uma força. Para afirmasse não encontrou melhor forma que enfrentasse com a CNT e desbaratar o POUM. Manteve nessa ocasião, uma atitude eficaz ou pecou, pelo contrário, de debilidade?*

Cipriano Mera: Não só a CNT, também o Partido Socialistas, os republicanos, etc. deixaram os comunistas fazer a espera do material russo pago com ouro espanhol. Se o partido comunista liquidou o POUM, se executou homens de todos os setores antifascistas, se fez trabalho contra-revolucionário, foi porque sua única política era CRESCER, se fazer forte com o apoio russo, e a medida que o conseguia, impunha sua ditadura, todos acreditávamos que, cedo ou tarde, a grande explicação com PC viria. Mas aqui também fomos débeis em honra a salvar o que estava em jogo nas trincheiras. Ninguém ignora o papel que teve que desempenhar frente às manobras turvas do PC espanhol e sobre esta pergunta me remeto as centenas de obras que se editaram, algumas muito boas e precisas, escritas pelos figurões comunistas da época de nossa contenda.

Revista Presencia: *Quais são para você os conselhos mais valiosos para a juventude, especial de cara a uma ação revolucionária?*

Cipriano Mera: Não sei se meus conselhos serão validos. O se forem se serão escutados. Mas darei meu ponto de vista... Com acertos ou erros e até com ambos, a juventude tem na revolução espanhola, na CNT e seus homens, sujeito amplíssimo de meditação. Se tudo não é bom como exemplo porque a situação não é a mesma, porque o planejamento já é outro, porque o nível cultural e de conforto é maior, fica sempre o problema da liberdade e do socialismo humano e libertário que está por resolver. Nós, os homens da revolução de 19 de julho, talvez não tenhamos outra ocasião de poder recomençar, mas ai estão vocês, os jovens que tiveram a fortuna, digo bem fortuna, de herdar uma experiência que não pede outra

Revista Presencia: *Que regiões eram essas, segundo você?*

Cipriano Mera: Em primeiro lugar, Catalunha. Catalunha era, de longe, a mais numerosa em homens, a mais rica em militante. Em um grau menor, Astúrias, Aragão e Andaluzia.

Revista Presencia: *Agora bem, de face a essa etapa revolucionária, dispunha Catalunha, ademais desses quadros e esses militantes, de uma doutrina e de uma estratégia revolucionária coerente?*

Cipriano Mera: Ponho em dúvida: e ponho em dúvida por ser precisamente Catalunha a primeira região em que se da um ato de colaboração governamental. Ao decidir participar na responsabilidade do governo da Generalidad, Catalunha se desvia da verdadeira revolução social.

Revista Presencia: *Acredita que essa atitude colaboracionista dos companheiros de Catalunha foi determinante, que influenciou na atitude das outras regiões?*

Cipriano Mera: Acredito que aquele foi o fato consumado. Eu lembro perfeitamente; estávamos no frente quando se convocou uma reunião para nos comunicar a decisão de colaborar no governo; muitos de nós estávamos contra.

Revista Presencia: *Nos primeiros dias da guerra, como surgiu, por exemplo, o acordo de mandar uma delegação da CNT para discutir com o Presidente da Generalidad da Catalunha, Companys?*

Cipriano Mera: Não sei, porque não se contou com as regionais. Reunidos na regional do Centro, para escutar o informe de dois militantes destacados, vários companheiros se manifestaram contra esse acordo por considerar que era uma fraqueza. Opinávamos que a CNT não tinha porque aceitar a colaboração, como não tinha porque aceitar a militarização.

Revista Presencia: *Qual foi nessa reunião o sentir majoritário?*

Cipriano Mera: A atitude majoritária foi de assentimento mudo, resignado e como fatal ante uma realidade que já dominava um estado de coisas que não se havia previsto. Não houve polêmica ou desconformidade categórica.

Revista Presencia: *Sua participação no frente te permitia responder a seguinte pergunta: respondiam as milícias enquadradas na CNT a um planejamento revolucionário da luta?*

Cipriano Mera: As milícias responderam a uma improvisação criada pela necessidade de apertar o passo ante o fascismo, sem que houvesse uma verdadeira organização de guerrilhas. Naquele momento, quando eu vivia essa experiência, estava convencido que as milícias confederais po-

diam levar a cabo a luta revolucionária. De fato, tinham uma força mais convincente, mais moral, que a de qualquer exército clássico: respondiam a uma autodisciplina que o indivíduo acordava com a coletividade, So- mente com o correr dos dias, essas autodisciplina que confrontada com a vida do frente, a dura realidade da guerra, faziam que, com frequência, o instinto de conservação fosse mais forte. Esta foi uma das razões pelas quais se aceitou a organização militar das milícias.

Revista Presencia: *Acredita, por tanto, que em uma guerra revoluci- onária a palavra disciplina não deve ser oposta com a palavra revolução?*

Cipriano Mera: Se umas milícias obedecem a uma doutrina e a uns objetivos revolucionários, não nos deve assustar a palavra disciplina. Fa- larei de minha experiência própria. O dia 19 de julho dede o momento que sou retirado da prisão de Madrid, eu vou ao campo, não a cidade. En- tendia, de fato, que o inimigo que tínhamos em frente se devia combater no campo. Organizaram-se grupos que, depois, se converteram em milí- cias... Tudo se deixava mercê da autodisciplina: criamos, realmente, que o converteu pessoal entre homens era superior a disciplina imposta. Mas nos primeiros combates de Madrid se comprovou, em varias ocasiões, que esse contrato moral não era suficiente. Por isso afirmo que, em pleno pe- ríodo revolucionário, as milícias devem aceitar uma disciplina livremente consentida, deve preservar o caudal mais rico do homem e seu povo: sua integridade individual e as formas revolucionárias.

Revista Presencia: *Se pensou na oportunidade de impor a guerra de guerrilhas?*

Cipriano Mera: Se pensou nas guerrilhas. A primeira tática de com- bate se emprega em Guadalajara, por exemplo, foi a tática guerrilheira: se rende o inimigo, se avança; se chega até Alcolea Del Pinar com animo de se introduzir no campo inimigo. Mas já em Paredes de Buitrago nos comandava um militar profissional, o tenente coronel del Rosal, o qual nos indicava os objetivos a tomar; os tomávamos, mas nós entendíamos que atrás daquele objetivo havia outro a alcançar. E o tenente coronel del Rosal acreditava que esse método era um exagero. E como ele, acre- ditavam outros companheiros do Centro. Faltava, pois, a assistência ne- cessária para nos introduzir no campo inimigo, para estabelecer essa luta de guerrilhas.

Revista Presencia: *Acredita que, se houvesse contado com esse apoio, seria possível impor ao inimigo essa tática?*

Cipriano Mera: Não acredito nisso. Surgiu o levantamento militar: por onde o fascismo passava arrasava tudo. Não houve uma preparação adequada para surpreender o inimigo; não houve possibilidade, apesar de a Espanha ser geograficamente apta a esse tipo de luta, de envolver o combate aonde se acreditava conveniente e não aonde o inimigo queria impor. O inimigo não se deixou surpreender... Ainda não creio que a guerrilha tivesse alterado o resultado final.

Revista Presencia: *Houve na CNT posturas distintas, quase antagô- nicas, frente ao dilema de levar a frente duas tarefas essenciais: a guerra e a revolução. Enquanto uns opinavam que era preciso ganhar a guerra e depois fazer a revolução outros davam prioridade absoluta a revolução. Uma terceira posição partia da base de que guerra e revolução deviam ser simultâneas. Qual era sua atitude frente a esses três caminhos distintos?*

Cipriano Mera: Transcorridos trintas anos, é normal não pensar hoje como se pensava naqueles momentos. Não por isso deixo de me sentir identificado com todo o gesto inicial do povo revolucionário em armas. Naqueles momentos iniciais e durante muitas semanas, o conceito guerra e revolução não se colocaram aos homens da CNT porque não existia. Vencer o inimigo pressupunha que a revolução triunfou. Um 1936, estive entregado a combater o fascismo com as milícias até março de 1937 e fiquei a margem das correntes minimalistas e maximalistas que se mani- festavam dentro da Organização. Meu convencimento era que se podia fazer frente as necessidades do frente e ir ao mesmo tempo a revolução. Mas ainda, eu cria que quanto mais se afirmava na retaguarda o conceito revolucionário, com mais moral seríamos assistidos os homens que tínha- mos marchado aos frentes. A quebra moral não vem dos combatentes, e sim dos organismos políticos e sindicais. Entre eles nosso CN da CNT e nossos quatro ministros. Com certeza que a ótica dos políticos era dis- tinta da dos combatentes, que deram perfeita conta do desastroso efeito psicológico que essa fuga operaria sobre o povo de Madrid e sobre o frente. A tal ponto que no dia 8 me encontrava na defesa de Madrid com um reforço de 1.000 homens retirados do frente de Albarracín.

Revista Presencia: *Ao analisar o período de colaboração da CNT, geralmente se atribui a responsabilidade dessa decisão a determinados grupos de militantes ou a determinadas regionais. Acredita que isso é lógico, que é justo? Ou acredita que a responsabilidade devia ser assumida por toda CNT?*